Acervo ISA

O clamor dos índios

Nos últimos anos, a violência da entrada das grandes empresas no campo está tornando dramática a situação de vida de milhões de lavradores que encontram na TERRA o único meio para sua sobrevivência. O invasor apropria-se da terra com todos os meios legais e ilegais que possui, sem considerar a situação daqueles que, faz anos, tiram da terra o seu direito mais básico — a sobrevivência —, mesmo quando não podem comprovar a propriedade com um título jurídico. Este problema, atual para os camponeses, é um velho problema para os índios que, desde a descoberta do Brasil, viram suas terras sistematicamente invadidas pelo colonialismo. A "civilização", além de negar ao índio o seu modo de vida própria, tentou e tenta por todos os meios apropriar-se de suas terras, das riquezas naturais e da força de trabalho indígena. Tem o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) — no âmbito da Igreja — o merecimento de haver tomado consciência desta realidade, e procurado mudar a política missionária. Introduzindo uma orientação baseada no conhecimento dos problemas básicos enfrentados pelos índios e o respeito às culturas indígenas, questiona, de um lado, a pastoral indígena tradicional muitas vezes responsável — apesar da boa intenção — da introdução de estruturas alienantes que contribuem para aumentar a situação de escravidão e, de outro lado, o trabalho desenvolvido pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio), desmascarando a política equívoca da mesma, ligada mais aos interesses do governo que à defesa dos direitos dos índios. Em seu trabalho o CIMI procurou desencadear um relacionamento maior entre os próprios índios, chegando a realizar várias assembléias de chefes indígenas (Diamantino, 17-19 de abril de 1974; Cururu, 8-14 de maio de 1975; Meruri, 2-4 de setembro de 1975). Apresentamos, a seguir, alguns depoimentos de índios, feitos nestas assembléias, deixando-os em sua forma original e enquadrando-os em seu contexto geográfico-político.

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. II D00136

NO VALE DO RIO ARAGUAIA

Os Tapirapés, Carajás, Javaés e Avá-Canoeiros

Na margem matogrossense do rio Araguaia, em sua confluência com o rio Tapirapés, moram os índios tapirapés, próximo à localidade de Santa Terezinha. É uma tribo em surpreendente recuperação depois de anos de decadência. Protegidos, na última década, por uma missão religiosa de irmãs de caridade, sua população quase dobrou, alcançando o número de 104 pessoas em 1972. Seu território foi, porém, incluído na imensa gleba comprada pela Cia. Colonizadora Tapiraguaia, de empresários do Sul, com incentivos da SUDAM. Como sempre, a FUNAI não tomou a defesa dos índios. Decidiu transferi-los para o Parque Indígena do Araguaia, que fica um pouco ao sul, na ilha do Bananal.

Foi também nas margens do rio Javaés que, em dezembro de 1973, a FUNAI estabeleceu contato com o que resta da tribo dos avá-canoeiros, 12 índios, quase todos com cicatrizes de balas atiradas pelos jagunços da Fazenda Camaquã, de propriedade do BRADESCO — Branco Brasileiro de Descontos. O minúsculo grupo, encontrado em estado de subnutrição, vivia escondido num pântano, o último refúgio dentro do que antes fora seu território de caça, agora recortado de cercas de arame farpado. Ninguém soube explicar como a FUNAI forneceu ao BRADESCO certificado negativo da existência de índios na área, necessário para que o investimento recebesse incentivos fiscais da SUDAM, sabendo, como sabia há muitos anos, que ali moravam os avá-canoeiros. Foi, certamente, para eliminar as provas vivas do esbulho, que o administrador da fazenda de mais de cem mil hectares, Miroveu Sá Eustáquio, cumprindo ordens, se empenhou tanto na liquidação da tribo. Finalmente, tudo parece se resolver da melhor maneira para o poderoso grupo econômico: a FUNAI anunciou o deslocamento dos avás-canoeiros para o Parque do Araguaia, na ilha do Bananal, onde, com certeza, irão se contaminar com as doenças dos carajás e javas e sofrerão as últimas desgraças no contato com os civilizados.

AWATKATO'I, JOSÉ MIGUEL — Representante dos Tapirapes

"Nós estamos lá no Posto Tapirapé. Então chegou convite dos Bororos. Daí nós reunimos aqui, tudo índio. Nós vamos falar um pouquinho de como nós vivemos. A fazenda está apertando nós. A Codeara, a Tapiraguaia tiram a área de nós. A Tapiraguaia quer tomar tudo. Quer dá só um pedacinho de cerrado que não presta não. Onde nós estava a mata era boa. Dá toda coisa. Plantação de maindioca, banana, arroz, milho, fei-

Acervo ISA

jão, batata, inhame. Toda plantação dava bem. Então chegou a Tapiraguaia e a gente ia ficar sem nada. Queria que a gente fosse pra ilha do Bananal. Lá nós não ia achar nada. Nem peixe, nem caça, nada. Se um povo sai do lugar onde está acostumado, não é bom não.

Agora nós somos assim: uns ficam no meio da aldeia, outros ficam espalhados. O avião desce na pista, a máquina do branco corre na estrada. Então se querem brigar com a gente, nós fechamos tudo: a estrada, a pista do avião. Tudo fechadinho, para eles não correrem atrás dos índios. Então, um fica atrás, outro na frente, outro fica no meio, outro lá no canto. Se passar algum, pra onde que ele vai?

Nós temos mais de 20 aldeias lá. É igual uma cidade. É cidade de índio que nós temos lá. Igual a vocês. Uma cidade pra cá, outra cidade pra lá. Pra isso mesmo que o nosso pai dividiu: pra aumentar gente, pra aumentar criação. Agora, os Tapirapé estão aumentando. Cada vez, cada ano, vai aumentando. Igual aos Bororos, aos Xavantes, Iranxe, Paresi, se der descanso pra eles".

Os Xavantes

A região tradicional dos xavantes fica a sudoeste da ilha de Bananal, estendendo-se do vale dos rios das Mortes e Couto de Magalhães até o rio Suiá Missu, incluindo os contrafortes da serra do Roncador, no Mato Grosso. Essa grande tribo guerreira conteve durante muitos anos a frente de expansão na margem golana do rio Araguaia. "Pacificada" em 1945, sofreu todas as consequências, a mortandade, a desorganização tribal. Membros da tribo viraram até palhaços de circo e engraxates nas grandes cida . Seu território foi sendo ocupado e a tribo se desagregou em vários grupos. Na década de 60, um grupo que ficaria no rio Saiá Missu foi retirado de sua terra em avião por ordem de Orlando Ometto, industrial de açúcar em São Paulo. Ali foi implantada a fazenda Suiá Missu, imenso latifúndio de 680 mil hectares, em sociedade com a Liquigás.

Mas os índios não estavam de acordo. Não suspeitavam os limites impostos, deslocavam-se por toda a região que justamente consideravam sua. Como o gado espantou a caça, matavam gado para comer. Bloqueavam as estradas, cobravam pedágio pela passagem de caminhões. O governo e os fazendeiros tentaram várias manobras para enganar os xavantes, mas eles já tinham aprendido o suficiente, não se deixavam mais enganar. Jagunços atacavam os índios e eles reagiam, de acordo com sua tradição guerreira. Afinal, em 1972, o governo cedeu novamente, reconhecendo num decreto o direito dos índios a seu território. Então foram os fazendeiros que, alegando morar ali há muitos anos, se recusaram a sair. Tentaram sabotar a demarcação de terras ameaçando os topógrafos. Os xavantes lhes deram proteção e exigiram a continuidade da demarcação. Um chefe xavante declarou que já não confiava mais nem na FUNAI e nem no governo.

Um porta-voz dos fazendeiros, o deputado Gastão Muller, anunciou, em Brasília, em meados de 1973, que os fazendeiros estavam chegando ao fim de sua paciência e que passariam ao extermínio dos índios, tarefa, a seu ver, muito fácil. De fato, em outubro, noticiou-se que três xavantes teriam sido mortos (naturalmente, a FUNAI não

confirma). A Polícia Federal, chamada a intervir no nflito, encontrou dois pequenos canhões numa fazenda; preparados para atacar os índios. Procurou então o governo uma nova solução, oferecendo aos latifundiários uma indenização à qual, a rigor, não tinham direito, para deixar as terras. Mesmo assim, o impasse permanece. Embora seus direitos sejam amplamente reconhecidos em todos os níveis; os xavantes ainda não puderam reaver todas suas terras. Em março de 1974 os fazendeiros ainda teimavam em lá ficar.

DOTORORIS — Representante dos XAVANTES

"Este terreno, os civilizados falam sempre que não é dos índios. Qual a prova de que esse terreno é dos Bororos, é dos Xavantes? Qual a prova? Ver as aldeias velhas que já existiam no tempo dos nossos avós, ver cacos de barro. Essa é a prova. Os nossos avós andavam em todos os lugares aqui. Lá no Rio das Mortes, além do Rio das Mortes, não havia civilizado. Como então, os fazendeiros estão invadindo cada vez mais, fazendo ~ ande invasão? Os índios veio expulsados de Goiás, de São Paulo. Veio afastando, afastando. Então aqui, só os índios andavam. Poxoréu tinha civilizados. Em Barra do Garças tinha poucos. Depois o SPI vendeu terras dos índios. Se o índio não estivesse dormindo, isso não tinha acontecido. Não podemos desanimar. Eu vou morrer. Todo mundo vai morrer. E mais tarde? Nossos filhos, nossos netos vão sofrer a mesma coisa que nós estamos sofrendo? Nós precisamos pensar no futuro. Pra nossos filhos passarem bem, crescendo, aumentando".

MANOEL NOZIÚ — XAVANTE

"Nossa aldeia muito grande, muita criança, muitos homens, muitas mulheres. É quase 80, 100 crianças que nascem por ano. Por isso nós ficamos satisfeitos.

No mês de abril, eu fui lá pro norte, Suiá-Missu, sondar nossa aldeia velha. Lá fazendeiro não quer saber de índio. Então fui contra ele. Brigava com ele porque eu sei brigar. Fui visitar nossa aldeia, ele sabe.

O fazendeiro tomou nossas terras, agora nós estamos reunidos em São Marcos. Ele respondeu: "aqui não tem serviço. Já mandaro todos os empregados embora porque não tinha serviço". Depois ele falou: "vou falar com o 3.º Chefe". Daí o Dr. Adilson (fazendeiro) chamou e disse: "aqui não tem serviço porque não querem gastar dinheiro, quer dizer, serviço tem, mas não pra vocês". Então eu falei: "cuidado porque Xavante não brinca". Aí ele falô: "se os Xavantes vem pra cá me tocar pra Barra do Garça, eu atiro na cara deles". Então nós chegamos mais pra perto dele e dissemos: você é forte, você é fazendeiro e muito dinheirudo. E pegamos no braço dele. E ele falou: "Não, não, eu não brigo com ninguém. Eu amo os Xavantes, eu amo os índios, eu amo os padres". Nós falamos: cala boca mentiroso. E pegamos o revólver do bolso dele. Meus companheiros segurou os braços dele. Então, ele quis pegar o carro dele. Nós pegamos e empurramos ele pra dentro da cabine. O empregado dele chorava, chorava. Fizemos isso pro fazendeiro".

Acervo ISA

NO TOCANTIS (NORTE DE GOIÁS)

Os Xerentes

Os remanescentes dos índios xerentes são cerca de 200 e vivem em Tocantinia, município goiano às margens do rio Tocantins, no norte do Estado. Ao longo dos últimos 150 anos, os xerentes tiveram sucessivas oportunidades de lamentar os contatos com a frente de expansão. Progressivamente seu território foi sendo ocupado por fazendas. Todos os protestos dos xerentes foram inúteis. Abandonados pelo SPI e, depois, pela FUNAI, vivem em grande miséria. As matas em que habitavam foram transformadas em pastagens. Se matarem algum gado para comer, são perseguidos pelos fazendeiros, como ocorreu em 1971, quando uma de suas aldeias foi invadida, um índio ferido à bala e vários velhos e crianças espancados, em represália. Naquele ano, a paciência dos xerentes se esgotou. Depois de sucessivas agressões dos fazendeiros, os índios se reuniram em uma grande assembléia e se declararam em guerra contra o invasor. Exigiram a desocupação de todas suas terras. As famílias de dezenas de fazendeiros fugiram em pânico. A Polícia Militar de Goiás deslocou tropas para a região. E só então a FUNAI se manifestou. Após numerosas manobras, das quais não esteve ausente a corrupção dos funcionários do órgão protetor, acomodou-se a situação reconhecendo-se aos xerentes os seus direitos sobre parte de seu antigo território. No entanto, passados três anos, em março de 1974, nada menos que 43 fazendas continuam instaladas nas terras dos índios e ninguém ouve seus protestos.

SAMPRÉ — XERENTE

"Meus irmãos, chamo de irmãos porque sou índio. Sou irmão da mesma cor, do mesmo massacre: tenho o mesmo sangue. Conheço muita aldeia, onde vi muita pobreza. Carro entrando nas aldeias. Só conhecia os padres pregoando sermões. Não conhecia os padres defendendo os índios. Aqui vi o direito que eles mostram e dão. A mesma coisa que os Xavantes, os Karakati e outros precisam de um turrão para cavar um buraco para tirar água. O CIMI e a Missão só terão força com o grito de vocês. O CIMI espera o apoio de vocês.

Fiquei muito satisfeito em saber que os irmãos não apoiaram a FUNAI. Ela não dá assistência que os padres dão. Quando índio sabe, quando vai até Brasília, FUNAI diz: esse índio é safado, não presta. Vocês foram convidar os patrícios do posto da FUNAI, eles não deixaram vir. Eu vi coisa que não tem em posto algum. Eu vou voltar à minha aldeia do Funil, pois sei que lá tem irmã. FUNAI não deixa padre entrar na aldeia. Quem bem soubesse, não aceitaria a FUNAI. Ali está a comadre (referia-se à jornalista), que vai lançar publicamente, mas vou falar. Essa reunião é uma força para planta que está seca crescer".

Os Apiacás, Sui[illegible] e Kaiabis

Na região atravessada pela rodovia Cuiabá-Santarém, que faz parte do Plano de Integração Nacional (PIN), estão os territórios de várias tribos. Ao iniciar-se a construção da estrada, as reservas dessas tribos foram delimitadas por decreto presidencial, mas até hoje não foram demarcadas. Atualmente, a região está inteiramente dividida em glebas vendidas pelo Estado de Mato Grosso a grupos econômicos. Também parte da tribo dos Kaiabis, moradores do rio dos Peixes, afluente do Arinos, foi levada para o Xingu, em 1966, depois de amarga convivência com um seringal e caçadores de peles. Uns 80 índios decidiram, porém, permanecer em suas terras. Ultimamente, a reserva começou a ser invadida. Em outubro de 1973, representantes desses índios foram a Cuiabá, fazer reclamações à FUNAI. Pediram armas para se defender. Em resposta receberam apenas a recomendação de ficar em calma e esperar as providências legais. As terras continuam sendo invadidas.

YUPAREIBÔ (FRA[illegible]CISCO) — KAYABI

"Dá licença. Falar um pouco. Vim aqui. Irmão chamar. Navio buscar castanha. Falar pouco língua. Fui criado no meio civilizado, Paranatinga. Agora conhecer língua. Vim aqui pra conhecer Xavante, Bororo conheci. Primeiro não conheci civilizado, não tem ferramenta como viver, Meu pai chamar pra ficar junto com ele. Conhecer meu pai. Trabalhei tudo lugar. Fui pra Cuiabá, um mês, três meses. Depois tinha índio brabo, canoeiro, levantei posto. Meu pai foi e meu cunhado. Polícia buscar nós. Eu fui lá. Armamento pra lá. Eu não sou bobo, não, eu falar. Agora fazendeiro que vem eu fui pra cima dele. Agora japonês já não aparece mais. Esculhambou nos. Mandei empregado FUNAI, não mexer com nós. Amansar nós não, nós entrar no meio do civilizado.

Eu falar nós ficar aqui na terra, no mato. Civilizado viver no campo. Nós agora segurar nossa terra. Por isso FUNAI ajuda pouco nós. Não pode entrar branco na terra".

Os Kranhakarores

Até fevereiro de 1973, a tribo dos kranhakarores manteve-se arredia e completamente isolada. Nessa ocasião, estabeleceu os primeiros contatos pacíficos com uma expedição pacificadora dirigida pelos irmãos Villas Boas. Na época, os dois respeitados sertanistas lamentaram ter que atrair esses índios, pois sabiam o que os esperava. Mas o contato não podia ser adiado. A rodovia Cuiabá-Santarém ia passar ao seu redor. Muito cedo a hipocrisia da política indigenista oficial se manifestou em prejuízo dos kranhakarores. Em março, um mês após a chamada pacificação, o general Médici assinava decreto delimitando a reserva da tribo, mas nela não incluindo justamente a terra que secularmente é por ela habitada.

Os encarregados pelo posto permanente implantado pela FUNAI junto à tribo não impediram os índios de se deslocarem para junto das obras da estrada. Os acontecimentos se sucederam em rápida progressão. Em 6 de janeiro de 1974, menos de um ano depois dos pri-

Acervo ISA

meiros contatos dos kranhakarores com os civilizados, os jornais estampam a notícia brutal. Conforme denúncia pública feita pelo indigenista Ezequias Paulo Heringer, os kranhakarores foram induzidos ao homossexualismo pelo sertanista Antônio Souza Campinas, o homem encarregado pela FUNAI de sua proteção!

Em seguida, Ezequias Henrique foi punido. Quanto a Antônio Campinas, inicialmente foi simplesmente transferido para uma frente de pacificação na área da rodovia Perimetral Norte. Depois, diante de protestos generalizados, teve suas atividades suspensas enquanto se desenvolve o inquérito aberto.

Notícias dos kranhakarores, datadas de 10 de março de 1974, dão conta de que, homens e mulheres se espalham ao longo da rodovia confraternizando com os motoristas de caminhão, pedindo esmolas. As suas roças estão abandonadas, a fome os aperta e sentem necessidade das novas coisas que os civilizados ensinaram a consumir. A tribo se desagrega e a FUNAI está ausente. A sua obra destruidora se completa.

Dentro em pouco, os kranhakarores que sobreviveram estarão prontos para trabalhar como escravos nas fazendas em troca de um pouco de comida.

MÁRIO JURUNA — Amigo dos KRANHAKARORES

"Aqui nós estamos fazendo Assembléia. E agora, o que eu vou pensar? A gente tem que lembrar o que está escondido.

Vamos contar o problema da FUNAI (...)

A gente tem que conhecer a vida do branco. A vida do branco é muito complicada muito chata pro índio. É muito difícil. . . já lutei muito, já pelejei pra aprender a vida do branco. A vida do índio é mais simples.

A vida do índio não é mentirosa. Não tem muita encrenca. Não tem sujeira.

Nós aqui, somos vizinhos dos Bororos. Vamos fazer força junto com Bororos. Bororo vai fazer força junto com Xavante. O fazendeiro compra o juiz de Direito. O fazendeiro compra a polícia. O fazendeiro compra a FUNAI. O Governo enjôa de ajudar o índio porque o índio nunca vota pra deputado na eleição. O índio não paga imposto. Então ele não se interessa pelo índio. Nós hoje não precisava sofrer tanto, podia estar passando bem. Se índio tivesse carro, ia visitar pessoalmente todos os postos (...)

Os Kranhakaores, no Peixoto de Azevedo, eram mais de 500 índios. Eu pedi pra FUNAI me deixar chefiando lá, mas a FUNAI não deixou. Então eu falei pros Kranhakarores: vocês vão ver, vocês vão perder a terra mais tarde. A FUNAI disse: "você não vai ficar aqui não, pode voltar pra sua aldeia. Você defende os direitos dos índios, lá. Aqui nós tomamos conta. Nós defendemos os direitos dos kranhakarores". Então eu falei pra FUNAI: nisso eu não acreditar. Os Kranhakarores mais tarde vão acabar. Eu falei isso e mais tarde os Kranhakarores foram levados pra o Parque do Xingu.

O que o Governo fez com os Kranhakarores foi a mesma coisa da gente matar outro. Essa aldeia era o lugar da saúde dele. Ele já acostumou com aldeia velha. Na outra aldeia não está acostumado. Vai morrer lá. Vai deixar a aldeia. Governo podia respeitar a aldeia do índio. Onde tem aldeia do índio, a terra é dele. Outra coisa: pra lá de Manaus, gente tá abrindo estrada e índio Atroari vai acabar. Mesma coisa! (...)

Muita gente rica merece a cadeia. Assim eu já fiz em São Marcos, levantei guerra aqui. Tirei Otacílio (fazendeiro) na marra.

Otacílio mata posseiro, toma roça do outro. Então quando eu fui pra Brasília falei pro Costa Cavalcante:

— Olha, o senhor é ministro. O senhor não pode dar jeito no problema do índio? Deve resolver qualquer coisa.

— Olha, Mário, fazendeiro é muito rico. Vamos esperar. Mais tarde vamos tirar.

— O senhor não é Ministro? O senhor não é militar? Como o senhor pode falar um negócio desse? Está mentiroso desse jeito? O Senhor sabe, hoje particular não manda. Quem manda é militar. Cuiabá é militar. Campo Grande é militar. Brasília é militar. Como é que não resolve nada?

O ministro ficou quieto e depois me prometeu:

— Eu vou mandar dia 16, uma comissão para lá. Aí, eu esperei dia 16, a comissão. Aí, então, 16 e nada. Depois veio outro mês, outro mês, e nada. Aí então, fiquei enjoado. Ajuntei 200 guerreiros pra tirar fazendeiro. Então nós tiramos geladeira dele. Tiramos arroz dele. Esse arroz já estava tomando muita chuva.

Aí depois, Otacílio comprou a polícia de Barra do Garças. Veio polícia militar, veio capitão até, e eu falei na cara dele:

— Olha, como você chegou aqui? Antes você nunca visitou São Marcos. Você nunca defendeu a vida desses índios. Por que você está chegando até aqui? Será que você foi comprado?

Ele respondeu:

— Não, o Governo me paga. Graças a Deus nenhum fazendeiro precisou me pagar um quilo de carne. Quem me paga é o Governo de Culabá.

Então eu falei pra ele: — Safadeza de polícia. O fazendeiro até compra polícia. Você não tem direito de falar aqui no centro da aldeia. Você não pode mais entrar aqui com arma de fogo. Próxima vez eu te tomo arma de fogo. .

Ele respondeu:

— Não, eu sou polícia militar. Eu posso andar em qualquer lugar, lá no Palácio do Presidente, do Governador do Estado, todo lugar eu posso andar. Então, eu falei pra ele:

— Se você quiser, pode andar no palácio. Aqui não. Aqui deve respeitar a aldeia. Próxima vez eu te tomo arma de fogo.

Então é isso, eu nunca penso em ficar medroso pra gente grande. Nós que somos adorantes de Deus, so-

Acervo ISA

mos homens pequenos. Porque ficar com medo do Presidente, do Ministro? A gente confiando em Deus não fica medroso, não. A gente deve ter fogo no coração. Ficar com coragem. Então, qualquer dia Governo solta a mão. Deus castiga e ele entrega a terra".

NO VALE DO GUAPORÉ (Nordeste do MATO GROSSO)

Os Nambikuares

A destemida tribo dos nambikuares tinha dez mil membros em 1910, quando estabeleceu um solene acordo de paz com Rondon. Atualmente, está reduzida a 300 pessoas, se tanto, atomizada em vários grupos hostis entre si.

Em abril de 1970, a empresa agropecuária Vila Bela Agropástoril S.A. pediu à FUNAI certidão negativa de existência de índios no território dos nambikuaras para que pudesse implantar-se na área usufruindo dos incentivos fiscais da SUDAM. O general Bandeira de Melo, presidente da FUNAI, negou a certidão, justificando-se por ser a área "habitada por índios do grupo Nambikuara, ainda arredios, e que vivem em estado muito primitivo". Ressaltou, porém, que "logo que atraídos, pacificados e transferidos para a reserva definitiva, esta presidência poderá atender ao pedido de V. Sa.".

A Vila Bela Agropastoril, porém, não se conformou. Dirigiu-se diretamente ao Ministro do Interior, general Costa Cavalcante. Em meados de 1970 ele deu um despacho ao processo determinando "deslocar os índios da área para a Reserva definitiva próxima, já criada por decreto federal". Negou a possibilidade de criação de novas reservas, ignorando o problema de haver hostilidade entre os vários grupos nambikuaras, justificando-se assim: "a reserva já existente é enorme".

Imediatamente após, a FUNAI iniciou o deslocamento forçado dos nambikuaras para a reserva. E, em 17 de março de 1971, sem ter conseguido remover todos, expediu as certidões negativas afirmando que não havia índios no local, beneficiando não só a Vila Bela Agropastoril, mas também a Agropastoril da Baía do Guaporé — BAGEA, a Agropecuária Guaporé S.A. e a Nambiquara Ltda.

Os nambikuaras que foram deslocados — cerca de 600 — não se deram bem na reserva.

Em novembro de 1973, novo decreto presidencial ratificou a decisão de que os nambikuaras têm de ser deslocados para a reserva do Camamaré. Mas os índios continuam resistindo, preferindo morar nas proximidades das fazendas, entre cercas de arame farpados, campos de pouso, peões e bois a ter de voltar para a reserva miserável.

ROBERTO UARIAGUISSIVÁ — NAMBIKUARA

> "Vamos falar um pouco. Meu povo, a mesma coisa. Vamos pedir terra. Nós vamos pedir a nossa terra. País inteiro é do índio, é nosso. E não tem nenhum lugarzinho para o índio.
>
> O outro (FUNAI), não importa. O outro diz: "mais adiante eu vou medir a terra", "eu vou fazer isso". Mas não faz.

> Se eu pudesse, eu media a terra. Mas, eu não posso. O pessoal não resolve nada, só mais adiante. O que vai resolver mais adiante? Mais adiante, ninguém mais está vivo. Nós vamos desaparecer tudo. Se nós descuidar da nossa terra, daqui a pouco desaparece tudo.
>
> Nós temos branco cercando nós, quer dizer nós ficamos no meio, num pedaço de terra. Não tem jeito de ir pra outro lugar.
>
> Eu não sou chefe, não posso mandar. Eu sou criança. Mas, eu posso fazer, eu posso trabalhar. Por isso é que nós vamos medir a terra. Isso que eu falo. É só isso".

Os Parecis

A experiência dos parecis com os civilizados data de séculos. Foram uma das primeiras fontes de escravos dos bandeirantes e povoadores do norte de Mato Grosso. A beleza de suas mulheres custou-lhes muitos sofrimentos causados pelos seringueiros. No começo deste século tinham sido feitos escravos em seringais. Foram libertados por Rondon, que os pôs sob sua proteção. Por isso, a tribo viveu alguns anos em paz, o tempo suficiente para restabelecer seus costumes, recuperar um certo equilíbrio populacional. Hoje, os parecis estão novamente em desgraça. Foram transferidos para uma reserva de terra ruim à margem da rodovia Cuiabá-Porto Velho, como os nambikuares, a uma distância de 400 quilômetros de Cuiabá. A reserva confina, de um lado, com a rodovia, de outro, com as fazendas que ocuparam as boas terras dos parecis, demarcadas por Rondon. Recentemente, um posto de gasolina instalou-se a cem metros da divisa da reserva. Os fazendeiros exploram desumanamente o trabalho dos parecis. Na Fazenda Cachoeirinha, de propriedade de paulistas de Ourinhos, os índios ganham Cr$ 250,00 para desmatar um alqueire matogrossense (48 mil m2). E são obrigados a fazer compras no "armazém" da fazenda.

DEOLINDA UAREZOKAERÓ — PARECI

> "Em primeiro lugar queria mostrar minha família: Zelinda, Nair, Adelaide, André Xinhama — nome de maloca. Eu quero também dizer algumas palavras. Eu estou com um pouco de vergonha, porque nunca falei assim, né? Mas, eu não posso ir embora, sem dizer algumas palavras. Eu quero agradecer muito todinhos que estão aqui. Foi o capitão que escolheu nós pra representar a tribo pareci. Eu voltar pra minha aldeia e vou dizer o que vi aqui. Eu não sei dizer da minha reserva. Eu só sei que minha turma é pouca. Tem um pouco de pareci lá em Cuiabá, um pouco prá lá, um pouco prá cá. O que nós comemos aqui, nós comemos lá. Não é melhor que os outros não. Todos nós índios temos as mesmas coisas. Não tem diferença de nada. Eu não tenho mais o que falar porque de reserva eu pouco sei. Eu quero deixá meu agradecimento por tudo que fizeram prá nós, porque, olha, dar comida pro povo que veio, é um pouco pesado".

JOAQUIM ZALAUZOE — PARECI

> "Nós nascemos pra isso, pra lutar. Não é de hoje essa luta, é desde que o General Rondon chegou, em 1912. Primeiro que o General Rondon amansou foi pareci. Pareci índio Waimaré. Aí veio o fundamento da Inspetoria. Com essa Inspetoria o

Acervo ISA

O que aconteceu foi a perdição da nossa imagem da nossa nação. Natureza que via nós, nossa criação, perdeu todinho, perdeu todo. O que foi que perdeu? Perdeu a vida.

Hoje em dia falam que estamos civilizados, mas não é verdade. Precisam compreender. Se tivesse outros brancos, fora os jesuitas e salesianos, precisavam escutar, pra terem vergonha. Nós temos uma cabeça e eles têm outra cabeça careca, têm tudo, né? Nós somos outra cabeça, nosso pensamento é outro, não é como pensa o civilizado.

Como vocês estão vendo, FUNAI hoje não resolve nada, nada, nada. Nós temos que resolver por nossa parte mesmo. Nós temos que corrigir por nós mesmos. Por isso nós vamos, daqui por diante, preparar flexas. O dia que branco entrar sem licença então, ele entra na flexa. Isso é que vamos pensar, isso é a base da nossa vida. Isso pra ver se nós conseguimos criar nossos filhos, meus irmãos. Tudo isso da onde que veio? Veio do céu e da terra, do céu e da terra. A terra criou nós e Deus criou a vida pra nós. É só isso hoje, meus irmãos".

EM OUTRAS TRIBOS

MENITO CLÁUDIO — GUARANI

"Eu posso falar? Quer dizer, eu vou falar um pouco sobre os patrícios, os índios lá de Dourados-MT. As autoridades vai me desculpar de eu falar, mas o que é verdade tem que se falar.

Estou reclamando do que tem acontecido com os índios Raiowá que por qualquer coisa são transferidos. Como pode o índio possuir alguma coisa na vida assim desse jeito? Os índios são transferidos como gado que a gente pega, põe num campo ou no outro. O que os índios Raiowá pediram pra eu falar foi isso. Outra coisa que eu quero dizer é que lá os índios ganharam trator, mas o trator só fica nas mãos dos capitães. Isso quer dizer que eles ganham na colheita, eles ganham na terra tombada.

E outra: a madeira da terra dos índios, eles estão tirando tudo. Estão derrubando o mato. Quer dizer, como os índios vão possuir uma casa, de onde vão tirar madeira? Se os índios ficar só com a terra, como vão se valer depois não tendo madeira dentro da área do posto? Vou contar mais uma coisa que tem acontecido com os índios lá de Dourados: o próprio Chefe do Posto dá castigo pros índios. Então nós pensamos: por que aquelas grandes autoridades, que são brasileiros, tem braço forte para castigar aqueles índios? a troco de que?

Um dia fui defender um índio que estava sendo judiado e aí fui preso. Fui preso umas três vezes. Então o diretor de lá me falou: "olha, Cláudio, você pode ver, mas você não pode vir aqui no Posto, falar pelos outros". Quando ele me largou da cadeia, eu falei pro diretor: "olha, eu sou contra judiaria, nunca gostei".

Também eu queixo de quando eles me prendero na Inspetoria, lá em Campo Grande. Eu assinei lá três papéis sem que eles lesse nada pra mim. Eu não sei ler. Foi traição que me fizeram. Provar uma palavra daqueles escritos eles não provam. Por hoje é só".

MAURÍCIO TUPXI — IRANXE

"Você está dizendo e eu estou escutando aqui. Você está dizendo que aconteceu muita coisa. Mas, onde nós estamos ainda não aconteceu nada. Assim mesmo a gente está lutando pra defender nossa reserva porque como você estava dizendo, o branco está entrando em tudo quanto é canto mesmo. Em todo canto. O índio tem direito de defender onde mora. Índio tem força também. Se índio morre, gente branca morre também".

TAMUNXI (LUÍS) — IRANXE

"O Iranxe ficar lá garantido. Mas há perigo de pessoal entrar na reserva de Iranxe novo. Escutamos na fazenda São Paulo que querem matar Padre e acabar com índio. Faz tempo tiraram madeira de reserva. Não pagaram. Agora, americano pagou. Nossa gente só homem bastante. Iranxe casar com outros. canoeiro, kaiabi, cinta larga, cabixi, pareci".

LOURENÇO — BORORO

"Já ouvimos muitos problemas que cada um tem na sua própria área. Como sabemos, a verdade dói para o Governo. Então o Padre Egídio, o Padre Iázi e o Dom Pedro estão sendo acusados. O Governo decretou a prisão pra eles, se eles pisarem em área indígena.

Muito ridículo isso. Não vi ainda esse motivo pra que eles tivessem pena de cadeia. O interesse deles é fazer o bem pra todas as comunidades indígenas. Não sei porque o Governo acusa e assina esse decreto, dando a eles pena de cadeia.

Logo depois dessa reunião, deverão ir alguns tapirapé e alguns pareci à Brasília, se os xavantes tiverem condições. O Mário e o Nicolau vão também. Fazer lá uma queixa de todas as tribos que estão aqui presentes. Agora tem muito bororo querendo falar. Podem falar, as mulheres também. Nós precisamos ser mais entrosados, não acanhados. Vemos exemplo aí: a mulher pareci falou com tanta simplicidade. Acho que todos deveríamos ser assim também. Lançar aquilo que pensa, não ter vergonha de nada".

Leia e assine Opinião